

# Arquiteturas íntimas de Gê Orthof

## *Gê Orthof intimate architectures*

ROSELI APARECIDA DA SILVA NERY\*

Artigo completo submetido a 22 de janeiro de 2017 e aprovado a 5 de fevereiro de 2017.

\*Brasil, artista visual e professora universitária. Licenciatura Plena em Artes Plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) São Paulo. Mestrado em Poéticas Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. Doutorado em Poéticas Visuais, UFRGS.

AFLIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Instituto de Letras e Artes (ILA); Área de Artes. Instituto de Letras e Artes – FURG. Avenida Itália, km 8 – Campus Carreiros. Rio Grande, RS – CEP 96201-900 – Brasil. E-mail: roselinery@terra.com.br

**Resumo:** Gê Orthof aborda em seu trabalho o comportamento do público nas exposições de arte e a força do objeto como ativador da percepção. O artista usa objetos pequenos que compõem o espaço da galeria em instalações que sugerem a desaceleração do tempo, a imersão do espectador e fomenta o debate acerca da potência das coisas como convite à aproximação e a intimidade. Seu processo criativo baseia-se na literatura e nas experiências pessoais o que resulta em um fértil tema de reflexão na arte de hoje.

**Palavras-chave:** arquitetura / instalação / miniatura

**Abstract:** *Gê Orthof discusses in his work the behavior of the public in art exhibitions and the strength of the object as an activator of perception. The artist uses small objects that compose the space of the gallery in installations that suggest the deceleration of time, the immersion of the spectator and foment the debate about the potency of things as an invitation to the approach and the intimacy. His creative process is based on literature and personal experiences which results in a fertile topic of reflection in today's art.*

**Keywords:** *architecture / installation / miniature.*

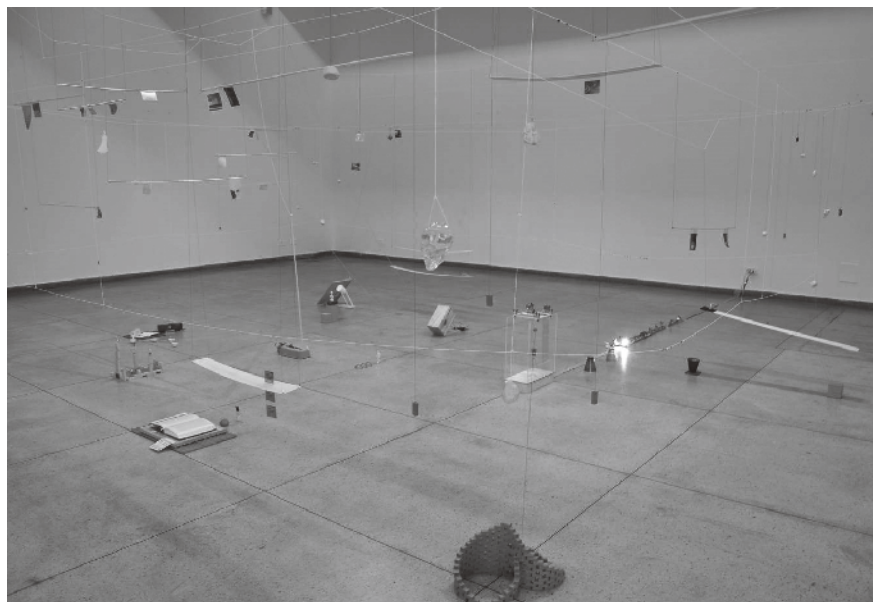
## Introdução

O trabalho do artista e professor Geraldo Orthof Pereira Lima, ou Gê Orthof, tem chamado a atenção no meio artístico em especial dos pesquisadores em arte. Ele nasceu em Petrópolis, RJ em 1959 e atualmente vive e trabalha em Brasília (DF). Professor do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes na Universidade de Brasília (UnB) e Vencedor do 5º Prêmio Marcantônio Vilaça CNI Sesi Senai em 2015, o maior prêmio de arte contemporânea no Brasil, Gê Orthof tem apresentado seu trabalho em exposições no Brasil e no exterior. Atua na arte em instalações, intervenções, performances e desenho. Caracterizadas pela delicadeza e sutileza, as instalações do artista colocam o espectador numa situação peculiar onde o pequeno se engrandece em arranjos arquitetônicos que invadem o espaço expositivo. Objetos banais de origem popular são obtidos em lojas ou recebidos como presente. O artista garimpa coisas que no ateliê ganham novo sentido e afeto. Objetos pequenos são sua preferência, às vezes são miniaturas e às vezes pequenos por natureza. Orthof acredita na força do objeto pequeno como potencializador e conquistador do olhar do espectador. Para tanto, cria instalações que se assemelham a mapeamentos nos quais o visitante constitui seu próprio trajeto de leitura e fruição (Figura 1).

Através de sua obra abordamos conceitos e temáticas importantes no contexto da arte contemporânea, como a presença do objeto banal na arte, a potência do objeto pequeno e suas relações com a escala humana, bem como o tempo que dispomos para ver a arte nas exposições. Objetos como alfinetes de costura, baldes e madeiras, compõem mapeamentos expandidos no espaço que direcionam o olhar atento, provocam a imaginação do espectador. O gesto do artista traz a tona a reflexão sobre o poder das miniaturas abordada extensamente por Gaston Bachelard, além de dialogar também com os escritos de Abraham Moles no que diz respeito à presença do objeto cotidiano em nossas vidas.

### 1. O grande e o pequeno na escala das coisas.

Gê Orthof tem afinidade e afeto por pequenos objetos e miniaturas. Consideramos miniatura aquele objeto que possui um semelhante em escala natural. Já os objetos pequenos dependem de seu referencial. Os objetos bem pequenos, os micro-objetos, segundo a classificação de Abraham Moles (Moles, 1981: 27), seriam objetos “que se seguram entre os dedos”, ou poderia-se dizer, aqueles “que se podem pegar no côncavo da mão” (Ponge, 2000: 16). As miniaturas de Gê Orthof por vezes são miniaturas de figura humana ou de animais, como brinquedos ou objetos para dioramas, já os outros objetos, em sua maioria, têm as medidas apontadas por Ponge.



**Figura 1** · Gê Orthof, *Ambos mundos*, 2013. Materias diversos. Galeria da Faculdade de Artes Visuais — FAV da Universidade Federal de Goiás — UFG, Goiás. Fonte: <http://www.georthof.org/images-5>

Na arte, temos referências interessantes no que diz respeito ao tamanho das coisas e as relações que temos com elas. Robert Smithson (Nova Jersey, 1938, Texas, 1973), através de suas grandes intervenções a céu aberto nos propõe a condição de estar diante de algo que poderíamos denominar sublime em relação ao temor sentido diante das forças da natureza, uma espécie de assombro. Frente ao seu trabalho, a figura humana se coloca numa condição insignificante diante da grandeza da obra realizada a partir dos recursos naturais existentes daquele lugar. Neste aspecto pode-se refletir sobre qual é a nossa importância frente às coisas, considerando o tamanho e a escala daquilo que nos rodeia. Que relação criamos com o que está ao nosso redor, sejam elas grandes ou pequenas? Podemos pensar no grande, como Spiral Jetty de Robert Smithson, e colocarmo-nos na situação de pequenez. Mas, por outro lado, pode-se perceber a imensa quantidade de coisas pequenas quase imperceptíveis que estão no entorno, essas que nos tornamos gigantes frente a elas. Assim nos afrontam os objetos, a exemplo do trabalho de Gê Orthof.

A referência para o estudo da escala na arte a qual abordamos aqui, está nos parâmetros da arquitetura que nos diz que:

a noção de escala visual não se refere às dimensões reais das coisas, e sim a quanto um objeto parece grande ou pequeno em relação ao seu tamanho normal ou ao tamanho de outro elemento de seu contexto. Quando afirmamos que algo está em escala pequena ou miniatura, normalmente queremos dizer que aquilo parece menor do que seu tamanho usual. Da mesma maneira, algo que está em escala grande é percebido como maior do que o normal esperado (Ching, 2013: 330).

Nosso referencial é o humano e, neste sentido, as instalações de Gê Orthof nos colocam como gigantes que circulam pela cidade repleta de coisas pequenas e instigantes. O artista é provocador e neste espaço (Figura 2), o corpo se aproxima e se afasta buscando melhor olhar e aos poucos criam-se mapas e percursos, característicos de cada indivíduo.

Segundo Bachelard, o objeto pequeno soa como miniatura, que, “é uma das moradas da grandeza” (Bachelard, 1993: 164). Acreditamos que o objeto pequeno retirado de seu lugar e de sua função original e também submetido à experiência poética na construção de sistemas cria uma nova situação espacial e seu potencial de grandeza é ativado.

Apostamos na força do objeto pequeno como porta de acesso para a percepção e fantasia. Bachelard, ao discorrer sobre as miniaturas e objetos pequenos utiliza o exemplo do botânico que imerge nos detalhes das plantas e muitas vezes se utiliza de lupas e lentes de aumento.

*Mas ele [botânico do Dictionnaire de botanique chrétienne (1851)] entrou numa miniatura e logo as imagens se puseram a surgir em grande quantidade, a crescer a evadir-se. O grande sai do pequeno não pela lei lógica de uma dialética dos contrários, mas graças à libertação de todas as obrigações das dimensões, libertação que é a própria característica da atividade de imaginar (Bachelard, 1993: 163).*

Da mesma maneira, o espectador/fruidor é convidado a se libertar de qualquer julgamento e censura e adentrar no mundo da imaginação e fantasia ao se deslocar pelo espaço expositivo. Da mesma maneira em que o artista se acomoda ao chão para ordenar seus objetos, o público também é convidado a se deslocar, ajustar seu corpo e ficar confortável para melhor ver.

Arranjos inusitados de coisas familiares em uma exposição de arte tornam-se estranhas criam vertigens, pois há um desequilíbrio na percepção espacial à qual estamos acostumados e que aprendemos a identificar desde a infância. Este estranhamento, parafraseando Rezende, “rompe com a ordem das coisas e, por conseguinte, ajuda a pensá-la” (Rezende, 2009: 11). Pensar sobre as coisas e criar suas próprias narrativas é o que espera o artista de seu público.

## **2. Sistemas arquitetônicos.**

Gê Orthof reside em Brasília (DF), cidade famosa pelo seu desenho arquitetônico inusitado semelhante a uma aeronave, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer. A cidade se caracteriza por longas avenidas e muitos prédios nas quais automóveis se deslocam ligeiramente. Nos parece que a consciência desta arquitetura diferenciada da cidade não se desprende da obra de Gê Orthof e assim, em suas instalações o artista transporta seu cotidiano em meta-arquiteturas expositivas íntimas, as quais tentam ser um freio para a velocidade dos dias.

Além do uso das paredes, o teto e chão fazem parte do trabalho e objetos como bolinhas de silicone, alfinetes de costura, e outras sutilezas por vezes aliadas às miniaturas humanas compõem convites ao olhar atento. A exposição *Insulares 1959* ocorrida na Galeria Paradigmas em Barcelona em 2011 (Figura 3 e Figura 4) tem este caráter rizomático na qual os arranjos se conectam criando uma escrita própria. Embora a presença da miniatura instigue a imaginação que nos faz atravessar para o mundo da fantasia, no caso de Gê Orthof, o convite está feito e o espectador tem a chance de circular neste mundo.

Gê Orthof, consciente da força do objeto ínfimo e da implicação da alteração da escala das coisas perante as pessoas, defende seus objetos pequenos (Figura 5) quando diz:



**Figura 2** · Gê Orthof. *Mar!Armar*, 2015. Montagem da exposição pelo artista. Objetos diversos. Caixa Cultural, Rio de Janeiro. Fonte: [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/08/05/interna\\_diversao\\_arte,493323/ge-orthof-e-selecionado-para-o-premio-marcantonio-vilaca.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/08/05/interna_diversao_arte,493323/ge-orthof-e-selecionado-para-o-premio-marcantonio-vilaca.shtml)

**Figura 3** · Gê Orthof. *Instalação Insulares* — 1959. Barcelona, 2011. Fonte: <http://www.georthof.org> .

*certamente, minha dimensão é a do íntimo, das pequenas mãos, do olhar desejan- te de mistérios. A tática de unir miniaturas em profusão, contaminando o espaço majes- toso (tanto no sentido de lugar sagrado e museológico, quanto das dimensões físicas amplas dos espaços expositivos) tem, predominantemente, duas intenções: a de con- vi- dar o espectador a estar imerso e disponível para escolher o que deseja guardar como memória da experiência da obra, assim como quebrar a perversa premissa de que o (produtivo) tem valor. Minhas instalações são feitas de pequenos rastros, anotações, de caráter labiríntico que, por não possibilitar sua captura, enquanto objeto palpável de consumo de arte, desafia certos paradigmas estabelecidos pelo circuito comercial da arte (Orthof, 2012).*

As instalações arquitetônicas miniaturizadas do artista apelam para a ima- ginação. Karina Lucena quando discute o mesmo tema na literatura, diz que “*diferentemente dos espaços reais, como quarto e cozinha, os espaços miniaturiza- dos não podem ser vividos, eles são somente imaginados. Quando o escritor cria um espaço de miniatura ele apela para os sentidos de seu leitor: ele vê, escuta, sente esse espaço através de seu devaneio* (Lucena, 2007). Já o artista tem a chance de tornar visível e palpável o mundo imaginário da miniatura e basta a fantasia do espec- tador para que passeie por entre pequenas vielas mapeadas.

A produção singular de Gê Orthof é uma importante contribuição para arte contemporânea, pois apresenta linguagem própria onde o artista é provocador da percepção, discute o espaço arquitetônico da exposição e traz à luz o debate da presença incisiva dos objetos no mundo, o afeto por eles e como eles podem insti- gar comportamentos quando se trata do tamanho, da forma e da escala das coisas.

### **3. Tempo e fruição.**

Segundo estudos do *Metropolitam Museum of Art*, o tempo de permanência do espectador em frente a obra de arte vai de 15 a 30 segundos (Rosenbloom, 2014). Geralmente o espectador segue um mapa proposto pela instituição e como uma gincana deve vencer todas as etapas e tirar todas as *selfies* possíveis com as obras mais relevantes. Ciente deste comportamento do público, Gê Orthof propõe um sistema de entrelaçamento de objetos que configuram pequenas narrativas. Coisas pequenas e outras mais estruturantes como placas de acrílico, táboas, baldes, etc criam um conjunto, uma rede que pode frear o ritmo e conquistar este passageiro para que se demore um pouco mais e se dê a oportunidade de entrar neste sistema e aproveitar melhor o que o artista propõe. Desaceleração e entrega é o que propõe o artista quando usa pequenas peças que convidam à aproximação, ao movimento do corpo e a apropriação do espaço. Neste, o artista propõe arranjos para desacelerar o tempo.

O tempo comanda, e nos apressa com mais intensidade nos atuais dias



**Figura 4** · Gê Orthof. *Instalação Insulares 1959*. Barcelona, 2011. Detalhes. Fonte: <http://www.georthof.org>.

**Figura 5** · Gê Orthof, *Ambos mundos*, 2013. Detalhe da Instalação. Materias diversos. Galeria da Faculdade de Artes Visuais — FAV da Universidade Federal de Goiás — UFG, Goiás. Fonte: <http://www.georthof.org/images-5>



midiáticos, mas que pode ser sentido diferentemente por cada indivíduo. Eventos marcam o tempo e este é comandado pelo espaço. Segundo Milton Santos,

*paralelamente a um tempo que é sucessão, temos um tempo dentro do tempo, um tempo contido no tempo, um tempo que é comandado, aí sim, pelo espaço. Nesse momento em que o tempo aparece como havendo dissolvido o espaço, e algumas pessoas o descreveram assim, a realidade é exatamente oposta. O espaço impede que o tempo se dissolva e o qualifica de maneira extremamente diversa para cada ato.* (Santos, 2002).

O trabalho de Gê Orthof dissolve o tempo no espaço, o suspende as horas e coloca ao público na situação de partícipe da sua intimidade objetual.

### Considerações finais

A proposta de Gê Orthof traz ao debate o papel da arte na vida e na ativação de emoções. Seu trabalho rompe paradigmas no que tange a sacralidade do espaço expositivo. Suas provocações estéticas aproximam a arte do espectador quando recorre aos objetos banais, muitos deles comuns nas nossas casas ou nas casas de nossos familiares. Seu processo de criação acontece de maneira espontânea e continua, sua arte está na sua vida diária em cada lugar que anda e em cada pensamento. Como o próprio artista diz, por onde ele passa, as ideias e coisas vão se agregando como em uma rede de pesca sempre ativa. Na presença de seu trabalho comprovamos a força do objeto e seu poder ativador dos movimento do corpo e do pensamento.

### Referências

- Bachelard, G. (1993). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ching, F. D. (2013). *Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem*. Porto Alegre: Bookman.
- Lucena, K. (2007). Uma fenomenologia da imaginação através do espaço. *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*, 3, 1-9. [Consult. 2017-01-10] URL <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/4896/2819>
- Moles, A. (1981). *A teoria dos objetos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Orthof, G. (2012). *Museologia e interdisciplinaridade*, 1. Capa. (2), 149-152. [Consult. 2017-01-13] URL Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/issue/view/774/showToc>.
- Ponge, F. (2000). *O partido das coisas*. São Paulo: Iluminuras.
- Rezende, R. (2009). Jeanete Musatti e seu grande mundo de pequenas coisas. Em J. Musatti, *Jeanete Musatti* (pp. 11 -31). São Paulo: DBA Artes Gráficas.
- Rosenbloom, S. (9 de October de 2014). The art of slowing down in a museum. *The New York Times*, pp. [https://www.nytimes.com/2014/10/12/travel/the-art-of-slowing-down-in-a-museum.html?\\_r=0](https://www.nytimes.com/2014/10/12/travel/the-art-of-slowing-down-in-a-museum.html?_r=0).
- Santos, M. (outubro de 2002). O tempo nas cidades. (SBPC, Ed.) *Ciência e Cultura - SBPC*, 54, 21-22. [Consult. 2017-01-10] URL [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252002000200020&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000200020&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)